

Ávido por Conhecimento

A história oral de vida é um dos métodos que compõem o campo da pesquisa qualitativa, a qual se preocupa com significados e sentidos das ações e relações entre pessoas ou grupos. (SILVA; BARROS, p. 68, 2010)

Resumo

Assim sintetizamos a personalidade marcante deste Artigo: entre Referências Polifônicas – que vão de Thomas Kuhn (1970) a Ben Shahr (2007) – e idiosincrasias como a recusa do título de “Educador” e a paixão incondicional pelo Racionalismo, situa-se a inquietude desconcertante e o faro aguçado pela inovação de um dos reconhecidos precursores da Educação a Distância no Brasil: Carlos Fernando de Araújo Jr (CF). A entrevista concedida antes do ápice da Covid-19 revela um balanço de sua trajetória acadêmica e pessoal e – mesmo sem prever a dimensão do Ensino Remoto Síncrono Emergencial (ERSE) em tempos de Pandemia – dá pistas sobre o delinear de uma nova faceta da Educação, a Aprendizagem Híbrida.

Palavras-chave: História de Vida; Experiência; Educação; Educação à Distância.

Abstract

We may synthesize like this the striking personality in this article: between polyphonic references – ranging from Thomas Kuhn (1970) to Ben Shahr (2007) – and idiosyncrasies, such as the refusal of the title of “Educator” and the unconditional passion for Rationalism; that is where the disconcerting restlessness and the sharp nose for innovation of one of the most recognized percussionists of Distance Education in Brazil rests: Carlos Fernando de Araújo Jr (CF). The interview given before the summit of Covid-19 reveals a balance about his academic and personal trajectory and – even without predicting the dimension of Emergency Synchronous Remote Education (ERSE) in times of Pandemic – gives clues about the outline of a new facet of education, Hybrid Learning.

Keywords: Life Story; Experience; Education; Distance Education.

Regina Tavares de Menezes dos Santos

Jornalista, Mestre e Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordena o Curso de Graduação a distância de Jornalismo, leciona há mais de 16 anos nas Instituições da Cruzeiro do Sul Educacional e atua como Coordenadora da Produção Audiovisual da Cruzeiro do Sul Virtual.

Regina Tavares: Como apresentaria sua formação acadêmica e experiência profissional e docente?

Carlos Fernando de Araújo Jr: Desde a infância, sempre tive muito interesse no conhecimento, em especial, na Área de Ciências e Matemática. Escolhi fazer Física, considerando as contribuições dos físicos para as mudanças dos paradigmas científicos no início do século XX. Seus pensamentos e suas formas de ver o mundo me atraíam. Fiz, então, o Bacharelado de Física na UNESP/Rio Claro, Mestrado e Doutorado em Física Teórica pelo Instituto de Física Teórica da Unesp (IFT/UNESP), Instituição de renome nacional e internacional pelas contribuições em Física e conceito 7 na CAPES. Na Graduação fui profundamente impactado pelo livro **A Estrutura das Revoluções Científicas**, de Thomas Kuhn (1970) e **Contra o Método**, de Paul Feyrabend (1989). No primeiro, aprendi como se processou a grande revolução do conhecimento, no final do século XIX e início do XX e, no segundo livro, aprendi que, às vezes, a Ciência dominante pode ser arbitrária e muito nefasta quando não questionada continuamente. Penso que isso moldou meu perfil. No Mestrado e no Doutorado foquei na Área Computacional e de Simulação para a solução dos problemas de Física. No início do Doutorado, ingressei em minha vida profissional, em 1994. Iniciei na Universidade Cruzeiro do Sul, na Área de Computação e Informática, e fui me especializando em Tecnologias aplicadas à Educação, na prática e nos estudos. Atuei nos Cursos de Matemática, Engenharias e Computação. Fui Coordenador de Cursos e Diretor da Área de Exatas e Tecnológicas, entre outros cargos. Participei do início da pesquisa em Ambientes Virtuais de Aprendizagem, em 1997 e, em 2001, iniciei um Projeto Institucional de Educação a Distância, que hoje veio a se transformar na Cruzeiro do Sul Virtual. Penso que meu propósito é promover o novo, a “inovação” no contexto da Educação. Em suma, trabalhar com cenários disruptivos para que possamos ter um Modelo Educacional mais adequado às necessidades do momento histórico e evolutivo do nosso Planeta.

RT: Desde quando você se reconheceu como educador?

CF: Olha, na verdade, jamais gostei deste rótulo ou termo “Educador”, talvez pelos parâmetros que temos e talvez por entender que posso não me enquadrar a ele. Eu sempre fui um amante, um entusiasta do conhecimento e alguém profundamente interessado em como as pessoas aprendem. Tenho a pretensão de ajudá-las por meio do conhecimento, ampliando, assim, seus estados de consciência para atuarem na construção de um mundo melhor. O conhecimento é a verdadeira aprendizagem. Aprender é mudar! Para tanto, busquei Tecnologias Computacionais e Metodologias para ajudar a trabalhar esse conhecimento, por meio do desenvolvimento de determinadas competências e habilidades em nossos alunos, professores e colaboradores.

RT: Qual o seu maior propósito como Gestor do Ensino Superior, em especial, do Ensino Superior a Distância?

CF: Fico muito feliz, grato e satisfeito em dar oportunidades. Entendo que a Educação a Distância permite dar oportunidade de acesso ao Ensino Superior, ao conhecimento, às competências e habilidades para cada segmento desse conhecimento, em especial, no Brasil, em todos os seus estados. Entendo que meu propósito é ajudar a construir um mundo melhor por meio da Educação e entendo que – eu e minha Equipe – estamos trabalhando nessa linha. Compreendo que a Educação Superior não é o único caminho, mas foi o que escolhi para trabalhar.

RT: Ao longo de sua jornada acadêmica, você vivenciou a ascensão da educação a distância e até fez parte de sua história. O senhor já ressaltou outrora que sentiu o momento da “grande virada” no início dos anos 2000. Oportunizando o seu olhar apurado para o cenário da Educação, poderíamos dizer que a atualidade é oportuna à implementação do Ensino Híbrido no país?

CF: Sim. Tive oportunidade de ver a *Internet* se tornar pública no Brasil. Em 1995, a *Internet* foi liberada para o uso público, com recursos grá-



ficos, dos quais nós não tínhamos como usufruir. Tivemos acesso a tais recursos algum tempo depois, graças a um Físico conhecido como Tim Berners-Lee, que trabalhava na Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (CERN). São mais de 30 anos! A Internet e os avanços tecnológicos deram as bases da Revolução Industrial 4.0, da Educação a Distância e da transformação digital. Na Educação, observamos cada vez mais um hibridismo que vai em duas direções de um verdadeiro *continuum*, buscando o equilíbrio. Os Cursos Presenciais tradicionais deixarão de existir tal qual são e darão espaço a mais atividades assíncronas, com diferentes componentes de atividades síncronas. Já, os Cursos EaD tradicionais darão espaço a mais atividades síncronas e interações diversificadas, com equilíbrio entre as atividades assíncronas que permitirão, inclusive, a flexibilidade de tempo e do espaço, além de claro, maior escalabilidade. Nesse novo estado de “equilíbrio” entre o que é “presencial” e o que é “EaD”, em todos os níveis de ensino, teremos um intenso uso de Tecnologias (Inteligência Artificial, Laboratórios Virtuais, Assistentes Inteligentes, entre outras), acompanhado de uma nova visão metodológica que aproveite os espaços físicos e virtuais no melhor de suas potencialidades.

RT: Em uma ocasião em que a Certificação no Ensino Superior não é sinônimo de empregabilidade, nem tampouco garante a aquisição de habilidades e competências requisitadas pelo Mercado de Trabalho no futuro, como ressignificar o propósito do Ensino Superior?

CF: Pergunta Complexa. Bom, pelo que vemos no Brasil e em outros países, o Ensino Superior está intimamente relacionado com o Mercado de Trabalho.

Sabemos que grandes empresas já não se interessam mais tanto pelo diploma, mas sim pelas competências demonstradas pelos candidatos. O que mais chama a atenção, em especial, são competências que não estão explícitas em nossos currículos do Ensino Superior. As chamadas *Essencial Skills*, tais como: pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade precisam fazer parte dos currículos da Educação

Superior. Entendo que isso já tem sido feito por algumas Instituições e se ampliará. Entretanto, entendo, ainda, que isso é pouco para o potencial da Educação Superior. Nesse ponto, talvez eu tenha uma visão diferente dos outros “educadores”. Penso que o papel da Educação Superior é permitir a ampliação da consciência dos estudantes, fazendo-os conhecerem a si próprios, a reconhecerem os outros, seu papel na Sociedade, suas responsabilidades e deveres, como se tornarem felizes e como fazerem os outros felizes. Esses aspectos devem ser transversais às questões das *soft skills* e das *hard skills* (conhecimentos específicos). Em minha concepção um estudante que passar por esse caminho de aprendizagem terá um papel muito mais fundamental no meio, sendo realmente um elemento transformador da Sociedade. Algumas Instituições de elite estão iniciando nesse caminho, mas ainda de forma tímida. Penso que, no futuro, teremos grandes transformações nessa área. Essa sim é a grande transformação.

RT: O senhor já mencionou que Instituições como Harvard, Stanford e Yale, entre outras, estão atentas ao tema do bem-estar e da felicidade. Elas têm promovido Cursos, inclusive, sobre tais temas e atraído um grande número de alunos interessados. É possível ter felicidade associada à Educação?

CF: A Educação Superior está muito ligada aos conhecimentos específicos aos chamados *hard skills*. Isso é importante, mas observamos que as pessoas, para viverem de forma plena, precisam de mais, muito mais que isso. Vivemos atualmente em uma Sociedade que mais e mais busca o bem-estar, a saúde e novas formas de ver o mundo. O que todo o ser humano procura é ser feliz. Cada um encontra um caminho para essa “felicidade” muitas vezes de forma difusa, muitas vezes como uma miragem no deserto: quando você chega até ela, percebe que já não existe mais. É o que o professor de Harvard, que atua na linha da Psicologia Positiva e responsável pelo Curso de Felicidade desta Universidade pensa. Tal Ben Shahar chama de falácia a ideia do alcance à felicidade (*arrival fallacy*). Em

síntese, Tal Ben Shaha nos ensina que a felicidade não está unicamente nos objetivos, mas nos processos necessários para atingi-los. E, ainda que, ao atingir um objetivo, um movimento contínuo nos leva a outros objetivos, durante o percurso/o caminho pela Felicidade. Agora, indago: em qual Disciplina dos Cursos Superiores aprendemos isso? Como você disse, várias Instituições têm incluído uma Disciplina sobre Felicidade, de forma isolada, mas já é uma iniciativa. O grande desafio é tornar esse assunto central e transversal às Disciplinas ao longo de toda a Matriz Curricular. Vários pesquisadores estudam a Felicidade na Educação. Penso que é uma área de pesquisa promissora e que se tornará relevante na Educação Superior com o poder de ressignificá-la, inclusive.

RT: Como esses temas tão subjetivos e de caráter socioemocional podem figurar na idealização de uma Matriz Curricular ou nas atividades de um Curso Semipresencial na Cruzeiro do Sul Virtual? Estamos falando do dito “currículo oculto”? ou estamos tratando de uma prerrogativa que deve ser encarada como diretriz norteadora do trabalho do seu time de docentes, tutores e colaboradores?

CF: Penso que esses temas não devem mais ser considerados subjetivos. Eles são reais, mas intangíveis, muitas vezes difíceis de “medir” no sentido tradicional científico. Penso que as matrizes curriculares devam incluir esses temas de forma institucional, em nível de Curso, Disciplinas e Programas específicos. O Curso deve ter componentes de destaque alinhados aos objetivos de aprendizagem das Disciplinas e dos Programas propostos. Nada de oculto! Temos de ser explícitos, autênticos na concepção de nossos currículos e acompanhar o processo de absorção pelos professores e sua execução. Esse é o grande diferencial e aqui reside a importância da formação contínua de professores. Se os professores não entenderem de forma adequada os objetivos do currículo, haverá um “currículo oculto” formado por concepções, crenças e mitos relacionados aos professores e seus históricos e não ao currículo desejado.

A formação contínua de docentes permite o alinhamento desses elementos para atingirmos os objetivos institucionais.

RT: Sabemos que sua marca profissional é a inovação, a inquietude para com o *status quo*. Como se mantém energizado no quesito “inovação” apesar da convivência com pares, por vezes, avessos ao risco, às restrições orçamentárias, ao cenário econômico adverso, entre outros aspectos complicadores? Qual o segredo para sempre nutrir o desejo pela inovação e manter a busca incessante pela criatividade?

CF: Essa pergunta me faz lembrar o livro do professor Adam Grant, proeminente professor da *Wharton School of Business*, que escreveu o livro *Originais: como os inconformistas mudam o mundo*. Nesse livro, ele fala de várias personalidades que se tornaram relevantes e que mudaram o mundo. A marca central era a dedicação e o trabalho. Muitas vezes, nós entendemos que a pessoa é talentosa, então se justifica o resultado que atingiu. Mas o que Adam Grant nos mostra é que, mesmo com talento, as pessoas que trouxeram grandes contribuições trabalhavam incansavelmente para aprimorar seus talentos. Não estou me comparando a nenhuma dessas personalidades que ele cita em seu livro. Contudo, entendo que algo semelhante acontece comigo. Eu me dedico muito, leio muitas coisas, tenho a perspectiva de pesquisador e tenho a oportunidade de poder colocar em prática as ideias que surgem, amadurecidas pelo trabalho também dos colaboradores. Esse desejo contínuo de mudança, poder fazer algo melhor, associa-se à ideia de inovação. Penso que é isso. De onde vem esse “inconformismo”? Da crença de que tudo pode ser melhor, tudo pode ser continuamente melhorado, de que estamos evoluindo a cada momento. Percebo que essas mudanças são importantes para o meio, para as pessoas não ficarem na chamada “zona de conforto”. Muitas vezes, percebo que estas ocasiões são “doloridas” para muitos, mas o resultado final sempre é bom. Saltamos de nível e de patamar de evolução quando aceitamos e acreditamos na mudança.

RT: A formação continuada de docentes tem sido um farol em sua trajetória. Você entende



que a formação de professores, especialmente, em Tecnologias Educacionais, compõe o ecossistema da felicidade no âmbito da Educação?

CF: Entendo que a formação contínua de professores, assim como para todos do “ecossistema” educacional, é de fundamental importância para atingirmos novos patamares de evolução nos Modelos de Ensino e Aprendizagem. As Tecnologias Educacionais que estão à disposição podem e devem ser utilizadas dentro do contexto para possibilitar melhor experiência de aprendizagem. Gosto muito do modelo TPACK (MISHRA; KOEHLER, 2006) que procura integrar o conhecimento tecnológico, o conhecimento pedagógico e o conhecimento específico. Promover essa integração e atualizá-la continuamente com os recursos e os avanços em todas essas Áreas é essencial. Se considerarmos que o objetivo do professor é que seu aluno aprenda, se torne “tocado” pelo conhecimento, seja o protagonista do processo de ensino e aprendizagem, então, assim, será possível atingir a felicidade, na acepção que dissemos anteriormente, colocada pelo prof. Tal Ben Shahr. Portanto, se utilizarmos todos os recursos, como professores – para atingirmos esse objetivo – entendo que o processo e o objetivo final, a aprendizagem, conduzirão à Felicidade na Educação, Felicidade esta alcançada pelo professor que atingiu seu objetivo e que poderá também ser o dos alunos.

RT: Nesse sentido, a Cruzeiro do Sul Virtual ofereceu uma série de oficinas em prol do ensino híbrido, da Teoria do Alinhamento Construtivo, da Taxonomia de Solo e das Metodologias Ativas. Como o senhor compreende esse desafio imposto à sua Equipe?

CF: Estamos fazendo nossa parte. Nossa Equipe tem sido formada em nível de Mestrado, Doutorado, Pós-doutorado e com Cursos específicos para atuação nesse novo contexto da Educação. Esse incentivo para a formação continuada – possibilitada pela Cruzeiro do Sul Educacional – é um dos nossos principais valores e diferenciais. Temos uma Equipe altamente profissional, muito bem formada e com muita energia. Assim, nada melhor que

promover e disseminar esse conhecimento para os nossos colegas de outras IES da Cruzeiro do Sul Educacional. Um grande desafio, considerando nossas dimensões institucionais, bem conduzido por nossa Equipe com suas atividades presenciais e *on-line*. Ressalto que essa necessidade de formação dos nossos quadros levou-nos a criar a Universidade Corporativa – Cruzeiro do Sul Virtual.

RT: Na referida formação, optou-se pela roteirização de aulas por meio de *frameworks* capazes de auxiliar a reflexão do trabalho docente a respeito de sua evolução a partir dos níveis da Taxonomia. Como dizem por aí, a diferença está em ver o copo meio cheio ou meio vazio e alguns julgaram que a autonomia pedagógica poderia ser corrompida com essa ação, enquanto outros creditaram melhor desempenho docente diante dessa atitude. Em sua opinião, aqui, o copo está meio cheio ou meio vazio?

CF: Não tem jeito. O “copo” vai sempre estar, subjetivamente falando, de acordo com o observador. Mas, os avanços de pesquisas na Área Educacional consideram a questão da avaliação um dos grandes desafios a serem vencidos. Os resultados de aprendizagem cada vez mais estão sendo medidos, nos diversos níveis por meio de exames nacionais: Enem, no Ensino Médio, Enade, no Ensino Superior... Por outro lado, a expansão do Ensino Superior, no mundo todo e, em especial no Brasil, tem trazido à Universidade um público bastante heterogêneo e diversificado que necessita de mais recursos para atingirem níveis satisfatórios de aproveitamento. John Biggs and Catherine Tang (2011) em seu livro *Teaching for Quality Learning at University* apresentam esse cenário de forma muito clara e a necessidade do alinhamento construtivo como forma de atingir os resultados de aprendizagem desejados nesse contexto repleto de alunos tão heterogêneos. Hoje, no Brasil, temos Instituições de grande porte que podem se transformar em Sistemas de Ensino altamente eficientes, dado o potencial de investimento e a competência instalada. Para isso, é necessário entendermos os Processos de Ensino e Aprendizagem sob a

ótica do alinhamento dos objetivos de ensino, de aprendizagem e de avaliação na perspectiva de alcance dos melhores níveis de integração cognitiva, cada dia mais complexos.

RT: Como você avalia o desempenho acadêmico dos alunos? Como dizer que essas formações realmente melhoraram a aprendizagem nos Cursos Semipresenciais da Cruzeiro do Sul Virtual?

CF: Temos observado alguns dados de nossas avaliações e simulados e estamos bastante satisfeitos com os resultados atuais. Percebemos, no último Simulado que realizamos, um resultado superior do Curso de Pedagogia Semipresencial quando relacionado ao Curso totalmente *on-line*. Mas temos muitos aspectos a evoluir. Inicialmente, precisamos evoluir nas avaliações que ocorrem no processo de oferta das Disciplinas, trabalhando com Modelos de Avaliação mais diversificados e sempre alinhados com os objetivos da Disciplina e os resultados de aprendizagem esperados. Há muita coisa a ser feita nessa área. Precisaremos da colaboração de todos. Assim, as formações de docentes na linha do Alinhamento Construtivo são de fundamental importância.

RT: Em meio a tantas declarações valiosas, há uma mensagem final a nos deixar?

CF: Agradeço a oportunidade desta entrevista. As questões foram muito boas e profundas. Procurei ser sintético na medida do possível. Sou grato pela oportunidade de fazer uma retrospectiva da minha vida profissional e acadêmica. Espero que as ideias aqui apresentadas sejam úteis a quem nos lê.

“Aprender a Aprender” para “Aprender a Ensinar”

Diante da relevância apresentada por Carlos Fernando de Araújo Jr. da formação docente continuada e sobre noções contemporâneas da educação híbrida, tais como Alinhamento Construtivo e Taxonomia de Solo, naturalmente, delineou-se a vontade de dar vazão às vozes daqueles que vivenciaram as primeiras iniciativas dos Cursos híbridos durante o cotidiano

da Cruzeiro do Sul Educacional. Em meio aos múltiplos perfis, porém convergentes, de vozes docentes nesse cenário, selecionamos duas entrevistas a serem compartilhadas com os leitores da Pluri. A primeira é da docente Nathalia Botura Brennecke (NB), graduada em Ciências Sociais e Letras, com Doutorado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) na Área de Educação, cuja aventura acadêmica iniciou-se em 2016 pelos meandros da aprendizagem híbrida, ao lecionar para os Cursos de Letras e Pedagogia. Para ela, a aprendizagem de um professor é a maior certeza presente na carreira docente.

Regina Tavares: Desde quando você se reconheceu como educadora?

Nathalia Botura Brennecke: Comecei a dar aulas de Inglês aos 14 anos. Olhando para trás, me dou conta do formato obsoleto das aulas e de minha inexperiência à época. De todo modo, a inexperiência talvez fosse compensada pelo estudo intenso e forte entusiasmo pela carreira que se descortinava diante dos meus olhos e que, de certo modo, eu já pressentia ser parte constitutiva da minha subjetividade. Venho de uma família de educadoras, diretoras de escola, alfabetizadoras. Então, desde menina, minhas brincadeiras já gravitavam em torno do lecionar e do aprender.

RT: Qual o seu maior propósito como educadora no Ensino Superior?

NB: Emancipar subjetividades e compartilhar o patrimônio educativo que nos une humanamente. Além disso, meu propósito é aprender. Um professor está em estado permanente de aprendizado.

RT: Você já usava alguma metodologia específica para organizar seu cronograma de aulas?

NB: Sempre me vali dos postulados da Pedagogia histórico-crítica desenvolvida pelo professor Dermeval Saviani.

RT: Você já conhecia a Taxonomia de Solo ou de Bloom?

NB: Apreendi os conceitos nas Oficinas de Formação Docente com você e com o Prof. Marcos Ota.



RT: Qual foi a sua reação ao lidar pela primeira vez com a Teoria do Alinhamento Construtivo, a Taxonomia de Solo e a ideia da roteirização em suas aulas?

NB: Penso que o fundamental da proposta da roteirização é a sistematização clara e prévia do trabalho docente. Em um Plano de Aula, é necessário selecionar o que é essencial e o que é “apendicional”. Essa escolha é do(a) professor(a) e fará toda a diferença no processo de aprendizagem. A roteirização vai nessa direção.

RT: De alguma forma, você sentiu que a sua autonomia pedagógica foi corrompida?

NB: Acredito que a roteirização possa oferecer uma rota possível ao professor que vai lecionar determinada Disciplina. Há uma forma fixa, claro. E, talvez, nem todos os professores se adéquam a ela. No entanto, no que diz respeito ao conteúdo, acredito que uma aula sempre será autoral. Afinal, ela terá, inelutavelmente, a assinatura, o estilo, o timing e a personalidade do(a) professor(a) que ministrará a aula.

RT: Como contrapartida, quais benefícios você vislumbrou ao lidar com os nossos *frameworks* de roteirização e nossas oficinas? Discorra sobre o impacto desta ação em sua vida docente e também na vida dos estudantes?

NB: Desde que comecei a dar teleaulas nos Cursos Semipresenciais, em 2016, e passei a utilizar a roteirização, a organização do meu trabalho ficou melhor, didaticamente falando. Isso gerou efeitos positivos nas aulas presenciais, inclusive.

RT: E a respeito das Metodologias ativas? Você julga relevante roteirizá-las com antecipação? Prever expectativas, necessidades, sequência de sua ação docente quanto à aplicabilidade delas?

NB: Creio que é necessário conferir ao(à) professor(a) autonomia para se valer da Metodologia, da Didática e da Teoria Pedagógica que melhor se adeque à sua postura como educador(a) e à sua visão de educação. O roteiro, ainda que tenha uma forma fixa, deve e pode dar flexibilidade para que o(a) professor(a) se sinta confortável ao lecionar. Vejo que, de certo modo, isso já tem acontecido. Minha experiência

com o Semipresencial de Pedagogia vai nessa direção. Tanto os roteiros que preparei, quanto os que recebi como inspiração têm bastante plasticidade.

RT: Como julga que é possível melhorar esta relação de aprendizagem baseada em nívelação de competências e evolução de níveis por meio de roteirização, especialmente, no ensino híbrido?

NB: Penso que o roteiro, como uma “rota” didática possível, pode ser uma estratégia interessantíssima para a organização do trabalho docente, ajudando-nos a dimensionar o tempo, a forma, o conteúdo, os recursos, os passos. No entanto, ele não é garantia de uma boa aula. Uma aula será bem sucedida na proporção do repertório e da boa formação do(a) professor(a) que, de fato, lecionará a Disciplina.

A próxima entrevistada é Katia Maria Rocha de Lima (KL), graduada em Administração e doutoranda do Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana “Padre Sabóia de Medeiros” (FEI). Ministra aulas nos Cursos de graduação semipresenciais e a distância, tais como: Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Recursos Humanos e Engenharia. Além disso, também leciona em Cursos de Pós-graduação e é assessora acadêmica da Pró-reitoria de Educação a Distância do Grupo Cruzeiro do Sul. Katia está convicta de que o engajamento do(a) professor(a) é determinante em toda e qualquer relação de Aprendizagem.

Regina Tavares: Desde quando você se reconheceu como educadora?

Katia Maria Rocha de Lima: Minha atuação como educadora iniciou a partir do desenvolvimento da tutoria em Cursos de Especialização (MBA). Embora não fosse provida de experiência docente, mas sim, profissional, observei a importância que temos na vida de outro indivíduo, seja no apoio, seja no engajamento do aluno e isso é encantador. Uma história interessante que aconteceu comigo está relacionada a um aluno do MBA que, até a terceira semana de Curso, não tinha acessado nada. Um dia liguei para o aluno e perguntei como eu podia ajudá-lo. In-

crivelmente, um dos alunos estava com muitos problemas e quando o prazo das atividades foi flexibilizado, ele se esforçou e realizou todas as atividades, mesmo que com pontuação menor. Esse aluno se recuperou e finalizou o Curso. Tive o prazer de orientá-lo no TCC e observei o grande avanço de sua trajetória. Após finalizar o Curso, começou outro e deu continuidade à sua formação acadêmica chegando ao Mestrado. Diante disso, reflito: – Será que aquele aluno teria se recuperado sem o meu engajamento, o engajamento de uma professora?

RT: Qual o seu maior propósito como educadora no Ensino Superior?

KL: Ser educador já é um propósito, pois você se compromete inteiramente com o seu tempo, foco e engajamento em prol do outro. Mas se eu pudesse definir em uma palavra, acredito que seria a transformação. A transformação de mentes e almas, esse é o meu propósito.

RT: Você já usava alguma Metodologia específica para organizar seu cronograma de aulas? Se sim, descreva-a.

KL: Sim. Geralmente, nos Cursos de Negócios, nas Disciplinas relacionadas a Planejamento Estratégico e Jogos de Empresas, uso muito os Estudos de Casos, que auxiliam o aluno a vislumbrar o ambiente profissional no qual atuará. Alguns Estudos de Casos são bem elaborados.

RT: Você já conhecia a Taxonomia de Solo ou de Bloom? Como as compreende?

KL: Conhecia as duas, porém não a aplicação sistemática e roteirizada. O entendimento que tenho da Taxonomia de Bloom é que é um instrumento que tem por finalidade auxiliar a identificação e a declaração dos objetivos ligados ao desenvolvimento cognitivo que contempla a aquisição do conhecimento, das competências e das atitudes, visando a facilitar o planejamento do Processo de Ensino e Aprendizagem. Já a Taxonomia de Solo apresenta diversas possibilidades de avaliação de tarefas, e tem como parâmetro o desenvolvimento cognitivo por meio de uma hierarquia de níveis de complexidade.

RT: Qual foi a sua reação ao lidar pela primeira vez com a Teoria do Alinhamento Construtivo, a Taxonomia de Solo e a ideia de uma roteirização?

KL: A primeira sensação sempre é de estranhamento, pois, como um profissional da Área de Negócios, não somos preparados para a docência ou para a aplicação de Metodologias diferenciadas de Ensino. Mas, quando se entende que o objetivo do Alinhamento Construtivo ocorre quando as Atividades de Ensino e Aprendizagem e as atividades de avaliação estão alinhadas aos resultados pretendidos da aprendizagem, torna-se mais familiar.

RT: De alguma forma, você sentiu que a sua autonomia pedagógica foi corrompida?

KL: Não. Acredito que a autonomia pedagógica continua assim como a forma de se expressar. Acredito que a autonomia pedagógica é transformada e nos traz a redescoberta incrível sobre como atingir os objetivos pedagógicos de forma estruturada.

RT: Como contrapartida, quais benefícios você vislumbrou ao lidar com os nossos frameworks de roteirização e nossas oficinas?

KL: Os benefícios do uso de *frameworks* de roteirização estão na possibilidade de trabalhar de forma estruturada os conteúdos teóricos de nossa Disciplina, bem como relacioná-los ao Mercado de Trabalho. Para o docente, é desafiador criar um roteiro estruturado e também um ambiente de colaboração e aprendizado, identificando se os objetivos foram atingidos ou ainda observar o que pode ser melhorado em conjunto com os alunos.

RT: E a respeito das Metodologias Ativas? Você julga relevante roteirizá-las com antecipação? Prever expectativas, necessidades, sequência de sua ação docente quanto à aplicabilidade delas?

KL: É relevante roteirizar as Metodologias Ativas com antecedência, pois facilita a organização do docente. É importante que, nesse planejamento, o docente observe as características do público-alvo, neste caso, os alunos. Características como o Curso, a quantidade de alunos, os recursos tecnológicos e o local da aplicação



da Metodologia são fundamentais para um planejamento adequado, prevendo assim, as expectativas e as necessidades de cada grupo de estudantes.

RT: Como julga que é possível melhorar esta relação de aprendizagem baseada em nível de competências e evolução de níveis por meio de roteirização, especialmente, no ensino híbrido?

KL: Eu diria que se trata de um avanço pensar na Aprendizagem Baseada em Competências, em especial, evoluindo os níveis de aprendizagem por meio da roteirização em qualquer tipo de Educação, seja no contexto presencial, on-line ou híbrido, pois pensar as competências alinhadas com o Projeto Pedagógico do Curso e os objetivos de aprendizagem é transformador, por preparar o estudante para o mundo real.

Dar sentido ou até mesmo vida ao conhecimento científico, que toca o aluno, é uma dádiva.

Considerações Finais

As entrevistas, como um todo, exprimem a palavra de ordem das Instituições de Ensino Superior dedicadas à experimentação da aprendizagem híbrida: “formação docente”.

É uma constante no repertório dos professores entrevistados, e de muitos de seus pares, que a formação dos professores sobre tendências contemporâneas da Educação é fundamental

para a revisão de processos arcaicos de ensino – seja via Alinhamento Construtivo, não seja.

De fato, vamos mudar a Educação com Educação, ou seja, em um movimento recíproco e retroalimentado de “aprender a aprender” para “aprender a ensinar”.

Referencias

BEN-SHAHAR, T. **Happier: Learn the secrets to daily joy and lasting fulfillment.** United States: McGraw-Hill Companies, 2007.

BIGGS, J. B. **Teaching for quality learning at university: What the student does.** UK: McGraw-hill education, 2011.

FEYERABEND, P. K. **Contra o método.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

GRANT, A. M. Originals: **How non-conformists move the world.** United Kingdom: Penguin, 2017.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectivas., 1970.

MISHRA, P.; KOEHLER, M. J. **Technological Pedagogical Content Knowledge: A Framework for Teacher Knowledge.** *Teachers College Record, United States*, v. 108, n. 6, p. 1017-1054, 2006.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. **Método história oral de vida:** contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

